

estava plenamente esquadrihado, e em 14 de fevereiro de 2003 o chanceler do presidente Jacques Chirac, Dominique de Villepin, apenas reiterou a tendência no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Nesse quesito, portanto, o Brasil estaria mais próximo da França que dos Estados Unidos. Quais teriam sido as implicações dessa evidência na aproximação entre os países? O presidente Lula da Silva de fato seduzira o presidente Bush com o adágio “minha guerra é outra. É a guerra contra a fome”. Mas seduzira também vasta chusma de mandatários mundo afora, em especial os líderes do *vieux pays* e *vieux continent* do chanceler Villepin (2003). Como teria sido o processo de conquista e aproximação do presidente eleito brasileiro com os demais países do concerto internacional após o 11/9 parecer ser, portanto, a núcleo da questão e o centro do estímulo de pesquisa que emerge das páginas de *18 dias*.

Estas e outras questões não reduzem em nada a agudeza e o engenho desse mais recente estudo de Matias Spektor, que, repleto de qualidades, merece fortemente ser lido. Se não pelo tema e pelo problema – que são absolutamente formidáveis –, por uma razão ainda mais rudimentar: o livro tem ideias, insumo cada vez mais raro nos dias que correm.

Referências bibliográficas

- AMORIM, Celso. (2002), “Guerra contra o Iraque é evitável”. *Folha de S. Paulo*, 25 set.
- BACHA, Edmar. (2012), *Belíndia 2.0: fábulas e ensaios sobre o país dos contrastes*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- BUSH, George W. (2001), “George Bush’s address to a joint session of Congress and the American people”. Washington, 21 set.
- LAFER, Celso. (1985), “O legado diplomático da viagem presidencial de Tancredo Neves”. *Contexto Internacional*, 1 (2): 13-18.
- RICUPERO, Rubens. (2010), *Diário de bordo: a viagem presidencial de Tancredo*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- ROUQUIÉ, Alain. (2006), *Le Brésil au XXI^e siècle*. Paris, Fayard.
- SILVA, Luiz Inácio Lula da. (2007), “Declaração à imprensa seguida de entrevista coletiva concedida pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o presidente da Espanha, José Luis Zapatero”. Madri, 17 set.
- SPEKTOR, Matias. (2009) *Kissinger e o Brasil*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____. (2010), *Azaredo da Silveira: um depoimento*. Rio de Janeiro, Editora da FGV.
- VILLEPIN, Dominique de. (2003), “Discours prononcé à l’ONU lors de la crise irakienne”. Nova York, 14 fev.
- Tales A. M. Ab’Sáber, *A música do tempo infinito*. São Paulo, Cosac Naify, 2012. 160 pp.

Mariana Côrtes

Professora adjunta do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia.

A música do tempo infinito, do psicanalista Tales Ab’Sáber, convida-nos a investigar um universo pouco pesquisado no campo das ciências humanas: o mundo da cultura *clubber* que invadiu as noites das grandes cidades a partir da década de 1990. O livro descreve a experiência de jovens que, movidos à ecstacy, buscam um prazer que se quer perpétuo e o devaneio de pertencer a uma noite que pretende não ter fim. O desejo de escape que essa cultura potencialmente revela – o sonho de gozar sem limites e ultrapassar o mundo desencantado do cotidiano – poderia situá-la como uma das herdeiras legítimas dos movimentos contraculturais. No entanto, o autor não nos deixa enganar. Acompanhando as análises de Luc Boltanski e Ève Chiapello (2009), Ab’Sáber constata que a noite tecno é a contraface do capitalismo contemporâneo que assimilou as potências emancipatórias da contracultura na incorporação de um regime de acumulação flexível, cuja promessa de realização integral do ser humano é

um pastiche da pulsão de libertação dos anos de 1960. O horror à mesmice de uma carreira para toda a vida, ao tédio de desempenhar uma única função na esteira fordista das fábricas ou escritórios, à impossibilidade de ser alguém diferente do papel designado pela sociedade administrada – enfim, toda a recusa da unidimensionalidade do mundo do pós-guerra foi levada a sério pelos gestores do capitalismo quando este foi obrigado a se reinventar. Quem ofereceu a chave para solucionar a crise do capitalismo na década de 1970 foram paradoxalmente os jovens que queriam convulsionar o mundo e vivenciar a vida em todas as suas dimensões. A esse desejo de liberdade os manuais de gestão denominaram flexibilidade: estavam criadas as bases para a invenção de um “novo espírito do capitalismo” (cf. Boltanski e Chiapello, 2009), um capitalismo lépido que exorta por indivíduos performáticos, capazes de serem múltiplos e se adaptarem a quaisquer situações. Não mais seríamos unidimensionais (cf. Marcuse, 1973), seríamos flexíveis; contudo, em vez de realizarmos as infinitas possibilidades do ser, seríamos infinitamente maleáveis às exigências do mercado. As potencialidades utópicas haviam sido incorporadas e, nessa incorporação, perdidas. Para Ab’Sáber, o mundo da noite eletrônica é apenas mais um sintoma dessa captura: o gozo sonhado pelos jovens que queriam se livrar da imposição de um trabalho alienante que procrastinava o prazer se tornou ele mesmo um novo tipo de trabalho – gozar tornou-se obrigatório, não gozar não é uma opção. As chances criativas que o mundo tecno poderia portar foram capturadas pela indústria da noite eletrônica, na qual o gozo não representa mais possibilidade de fuga, mas é inscrito de forma compulsória em um novo regime de produção que o transformou em um imperativo. De acordo com o autor, a cultura *clubber* nasce quando a “retórica da assimilação” (cf. Arantes, 2004) já está plenamente realizada, mas seu sopro de escape é tardio, abortado desde seu nascimento; sua batida condenada à repetição é apenas a confirmação de que a emancipação virou técnica, o gozo virou trabalho e o sonho não porta mais nenhuma significação outra.

O livro estabelece um diálogo criativo com a tradição da teoria crítica, sem, contudo, deixar de voltar os olhos para as particularidades perturbadoras do nosso presente. Os frankfurtianos vislumbraram o surgimento da diversão de massas como o prolongamento do mundo do trabalho. As operações automatizadas do pensamento exigidas pela indústria cultural reproduziam, no tempo livre, os “trilhos gastos das associações habituais” (Adorno e Horkheimer, 2002, p. 113) engendradas pela mecanização do trabalho taylorista-fordista, em um contexto em que o pleno emprego era possível graças ao pacto social do pós-guerra. Essa não é mais a perspectiva dos jovens que extenuam seus corpos movidos pelo ritmo seco, repetitivo e abstrato da música tecno. Ab’Sáber mostra que uma das correntes mais importantes da música eletrônica surgiu na cidade de Detroit sob o clima de desolação suscitado pelo esvaziamento de suas indústrias nos anos de 1980, como se, na própria percepção dos participantes desse movimento, fosse necessário ocupar o vazio deixado pela desindustrialização neoliberal. Nesse sentido, o lazer não pode ser visto mais como a extensão do emprego estável, como afirmaram Adorno e Horkheimer (2002), mas como o preenchimento de uma ausência instaurada a partir do colapso do Estado de bem-estar e a passagem “do antigo mundo do emprego para o mundo do excesso de trabalho, mas sem emprego” (*Idem*, p. 16). Se os pensadores da teoria crítica já haviam constatado a indiscernibilidade entre o mundo do trabalho e o da diversão na sociedade administrada, Ab’Sáber argumenta que a indecidibilidade entre eles passa a se dar em outros termos em tempos de acumulação flexível. A crítica à sociedade do pós-guerra foi incorporada à fundação de uma emergente heteronomia: os corpos dançantes, drogados e gozosos da noite tecno encontram-se em uma nova encruzilhada do capitalismo, uma nova etapa – inaudita – do ocaso da razão, tema que oferece o pano de fundo da argumentação do livro.

O livro é composto por três ensaios que dialogam entre si: o primeiro analisa o músico tecno e o filme

Corra, Lola, corra (1998); o segundo, o bar Panorama; o terceiro, as drogas. O primeiro ensaio, “Faster, faster, pussycat, kill, kill, kill!”, mergulha no universo da noite eletrônica e apresenta a descrição impactante do músico tecno. Para Ab’Sáber, ele é uma “espécie de Sísifo de nosso tempo” (p. 24), condenado a gozar indefinidamente, pulsar um corpo que pula, contorce e sua, pulsa um movimento sem conteúdo, significativo sem significado, desconectado da música que parecesse vir de outro lugar, não daquele corpo que já se desmaterializou em pura abstração. Seu prazer, no entanto, não é a realização da liberdade; antes, ele é executado como um trabalho. Segundo o autor, o movimento redundante do músico tecno não é algo restrito às festas *rave*, circunscrito a uma suspensão temporária do cotidiano que almeja ser por um tempo outra coisa que não a mera reprodução do mundo do trabalho. Seu movimento sem sentido é o mesmo que move todos nós que nos encontramos submetidos à lógica atual do capitalismo. O automatismo técnico do músico tecno denuncia o imperativo que esconde o segredo do funcionamento do mundo contemporâneo: é preciso que se mova, não importa como ou por quê. A mobilização total nos põe em movimento¹, a injunção que incita à ação é a mesma que nos atravessa nas pistas de dança, na operação da bolsa de valores ou na perseguição de informações nas redes virtuais. Como o músico tecno, trabalhamos no limite de nossas “forças e por nada” (p. 27), mantendo “um mecanismo que se reproduz enquanto se autocelebra” (p. 27). O universo do trabalho e o do não trabalho não mais se distinguem; eles estão submetidos a um mesmo imperativo: o movimento compulsório cujo fim começa e se encerra em si mesmo. A ação cujo fundamento é ela própria serve de mote para o filme *Corra, Lola, corra* (1998), espécie de ícone-manifesto da cultura eletrônica. Na disparada frenética da personagem Lola pelas ruas de Berlim ao som do ritmo onipresente da música tecno que invade todos os espaços da cidade, Lola não corre atrás de um porvir que superará o agora, mas se vê condenada ao eterno retorno de um presente infernal, enredada em um círculo vicioso sem passado nem futu-

ro, duplicado ao infinito pela batida eletrônica, que se interrompe de tempos em tempos para apenas retomar o “tempo do sempre o mesmo” (p. 31). Para o autor, a corrida sôfrega de Lola é a corrida de todos nós, marca da temporalidade atual que nos mantém “amarrados a um futuro vazio” (p. 29), destinado a uma reprodução compulsiva do que está aí e já existe.

Partindo da cultura tecno, o ensaio insere-se em um debate profícuo das ciências sociais sobre a questão da temporalidade na sociedade contemporânea, principalmente na constatação realizada por alguns autores de que estaríamos vivendo o momento histórico de um eterno presente (Jameson, 2006; Bauman, 1999; Arantes, 2014). Em livro publicado recentemente, Paulo Arantes (2014) retoma as noções de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” de Reinhart Koselleck (2006) para mostrar que a experiência da modernidade foi marcada por uma insatisfação crônica com o presente que deveria ser transcendido na construção radiosa de um futuro sempre melhor. Ou seja, o sentido de sermos absolutamente modernos foi em grande parte possível graças à ideia de que havia uma distância entre a experiência e a expectativa – espaço a ser diligentemente percorrido pela busca incansável da realização do progresso. Hoje, contudo, essa distância foi bruscamente encurtada, a expectativa se rebate sobre a experiência, o futuro se espana no presente e perde a capacidade de ser o fundamento do motor que nos movia adiante. “O progresso envelheceu”, constata Arantes (2014, p. 96). No “novo tempo do mundo”, a política não mais se projeta para a fabricação do futuro – categoria esmaecida e débil –, mas se volta para a gestão dos “destroços do presente” (*Idem, ibidem*). Paradoxalmente, esse processo acontece no momento de triunfo absoluto do capitalismo sobre o seu tradicional antípoda, como se o capitalismo, ao perder o contraponto do socialismo real, seu inimigo cuidadosamente cultivado, precisasse introduzir por outros meios o sentimento de insegurança e a sensação de ameaça, inventando um regime permanente de urgência que nos acomete a todos e diante do qual correremos deses-

peradamente sem nunca sair do lugar. Urgimos para nada – na temporalidade eternamente circular de um presente que bate e rebate sobre si mesmo, como um pião que gira em torno de si mesmo, mas não escapa do mesmo espaço. A ausência do futuro não impede, porém, a mobilização total. Ao contrário, nos movemos, como a personagem Lola, em um transe convulsivo. Se a perseguição do futuro se esvaziou de significação, o que nos motiva a agir então? O trabalho de Ab’Sáber tenta responder à essa questão – enigmática em todos os sentidos. Sua resposta, no entanto, não é nada alentadora, pois, de novo, ele nos convida a enfrentar o insondável da corrida de Lola pelas ruas de Berlim. Presa em uma temporalidade sem passado nem futuro, Lola pode realizar o absurdo de morrer mais de uma vez – na verdade, algumas vezes. Conforme a observação aguda do autor, a morte adquire então um novo sentido: ela deixa de ser aquele momento indevassável do destino humano que nos impulsiona a vida para ser apenas uma suspensão temporária da aceleração, um *game over* provisório que antecede o *restart* da próxima vida, que será novamente interrompida pela próxima morte e assim sucessivamente. Como para os imortais de Jorge Luis Borges, não há mais distinção entre a vida e a morte, pois “morremos o tempo todo, ou já estamos mortos, no vazio sequenciado do que sempre volta o mesmo” (p. 32). Lola não se move, portanto, rumo ao futuro. Sua corrida é um movimento redundante, através de rituais, não de significados, uma racionalização que se preocupa com a operação dos meios e não com o sentido dos fins; compulsão dos meios que os frankfurtianos já haviam compreendido antecipadamente como o sentido último da racionalidade instrumental. Ao perscrutar a nova subjetivação tecno, o livro de Ab’Sáber vai portanto além desse universo. Ele percebe que a condenação ao eterno presente e a injunção à ação em um regime perpétuo de urgência são os dois lados da moeda que põe em movimento – por meio de uma aceleração em falso – o modo de funcionamento do capitalismo contemporâneo. Os dois temas oferecem o fio condutor que atravessa os outros dois ensaios do livro.

No segundo ensaio, “Night and day: let’s face the music and dance”, o autor nos convida a mergulhar na atmosfera insólita do mítico bar Panorama, em Berlim, uma boate que nunca fecha, destino de *clubbers* do mundo todo. Construída sob as ruínas de uma antiga usina de energia nazista, a casa atualiza um novo tipo de espectro totalitário, no qual não se pode mais distinguir a performance do dia da alucinação da noite. O agitar obsessivo dos corpos dançantes e o engajamento contumaz dos que trabalham são apenas dois momentos diferentes da mesma reprodução, nos quais não importa mais a distinção entre o dia e a noite. A alucinação dos que dançam é ela própria uma performance, e a performance dos que trabalham já é há muito tempo uma alucinação: uma reforça a outra no tempo da ação constante. O bar que nunca fecha poderia suscitar a criação de uma nova utopia, a imaginação de um mundo em que os corpos se tocam e sonham com um amor indiscriminado por todos. No entanto, essa “universalização do amor”, adverte Ab’Sáber, é um “afeto em abstrato” (p. 50), uma vez que os corpos se tocam mas não comunicam nada uns para os outros. O mundo tecno condensa, em uma “utopia *in vitro*” (p. 50), o máximo de abstração – contrapartida da própria máquina de abstração do capitalismo –, des-codifica todos os códigos no desejo de virar puro fluxo, permitindo que nada exista além do fluxo do nada. Na utopia, o “eu” se dissolve e, nessa dissolução, por meio de uma “articulação quase direta, gozosa e anêmica”, se funde com o “sonho primordial do capital” (p. 56).

Ab’Sáber argumenta que essa utopia do amor sem objeto permite o encontro de pessoas de classes e identidades diferentes, “ricos e pobres, homens, mulheres, gays e transexuais”, que podem viver, no universo híbrido da noite eletrônica, “o contato humano e a igualdade no espaço lúdico da boate” (p. 57). Ainda que seu trabalho indique a aproximação entre indivíduos oriundos de mundos variados, ele não se apoia em uma pesquisa empírica sobre quem de fato são e como se relacionam os sujeitos que frequentam o universo tecno. Para desdobramentos futuros, seria interessante investigar quem são os dançantes da noite

eletrônica. São filhos da burguesia extraterritorial das redes globalizadas do capital? São os jovens sem futuro que compõe o novo “infoproletariado” (cf. Antunes e Braga, 2012) do telemarketing? São travestis que ganham a vida no comércio dos corpos das grandes cidades? São gays profissionais liberais ligados às novidades *up-to-date* do que ainda resta de vanguarda estética? Ainda que o livro não apresente uma identificação sociologicamente precisa dos sujeitos, uma coisa é certa: abastados ou precários, heterossexuais ou homossexuais, empresários ou criminosos, viajantes ou *hippies*, uma mesma temporalidade atravessa todos – a temporalidade eternamente circular da boate tecno, cuja principal ameaça é a possibilidade da interrupção, pois parar o movimento significa confrontar o vazio que o sustenta. Para o autor, nessa engrenagem que se reproduz ao infinito, há uma peça indispensável que escora o desempenho do movimento perpétuo: a compulsão das drogas, tema do terceiro e último ensaio do livro.

No capítulo “She don’t lie”, Ab’Sáber mostra que as drogas não desempenham mais o papel de evasão criativa que outrora marcaram a experiência moderna, pois não promovem um horizonte de pensabilidade sobre um outro possível, mas contribuem para confirmar o mundo como ele é. Essa reafirmação do mundo pelas drogas é compartilhada tanto pelas drogas ilícitas que engendram a noite eletrônica e o universo do trabalho, como pelos psicotrópicos lícitos da indústria farmacêutica. Se, por um lado, a medicina oficial condena o consumo de drogas ilícitas em um discurso disciplinador moral, por outro, Ab’Sáber aponta que ela não vê problemas em fabricar, prescrever e divulgar medicamentos psiquiátricos voltados ao tratamento de transtornos mentais que ultrapassa qualquer função estritamente terapêutica. Em trabalho recente, argumentei que a psiquiatria biológica havia se tornado hegemônica no campo da saúde mental justamente quando, ao estimular a proliferação de novos transtornos mentais, instituiu uma extensão inédita e sem precedentes do patológico, borrando as antigas fron-

teiras entre o normal e o patológico (cf. Côrtes, 2012). Voltada para o tratamento farmacológico de disfunções neuroquímicas de cérebros supostamente deficitários, a psiquiatria biológica tende a patologizar condutas disfuncionais à acumulação flexível² e promover, em contrapartida, disposições proativas que guardam “afinidades eletivas” com o novo espírito do capitalismo (*Idem*). O trabalho de Ab’Sáber tem o mérito, portanto, de apontar, de maneira provocativa, para um paradoxo pouco discutido hoje nas ciências humanas brasileiras: a medicina oficial compartilha com a indústria do narcotráfico – que fomenta tanto a diversão da noite eletrônica como a pulsão ao trabalho – a instituição de “um amplo e novo regime disciplinar drogado” (p. 104). A “psicodelia utilitária dos ácidos e dos *ectasys*”, o “incremento da potência para a produção” da cocaína (p. 99), o desapego moral e a ousadia descompromissada da fluoxetina (cf. Côrtes, 2012), todos oferecem sua parcela de contribuição para a manutenção do que existe. Em outras palavras, alinham-se “com a ordem social que não se reconhece mais em crise, por mais horrível que ela verdadeiramente seja” (p. 99). No campo do mundo tecno, as drogas não trazem, assim, nenhuma confrontação ao instituído, suas potencialidades utópicas foram definitivamente capturadas pelo seu consumo compulsório, parte obrigatória da engrenagem da noite, sem a qual todo o aparato de fabricação da diversão poderia desmoronar. Para Ab’Sáber, a aparição da droga na noite tecno é necessariamente precedida da constatação geral sobre a ausência de experiência que acomete a todos, pois entra em cena quando o estrago físico e sensorial provocado pela repetição agressiva da música eletrônica e a confirmação do vazio das relações entre os corpos que se agitam de forma maníaca levam à necessidade da entrada de um dispositivo – neuroquímico – que provoque artificialmente algum tipo de experiência, introduzindo um *algo mais* qualquer em um sujeito que se encontra previamente “petrificado e vazio, morto em vida” (p. 106).

O livro de Ab’Sáber chega a uma constatação desconcertante: as drogas tornaram-se necessárias para

manter em funcionamento um capitalismo que não se apoia mais em promessas emancipatórias, mas que se coloca em movimento apenas por meio de rituais esvaziados de significado – nem por isso menos eficazes –, condenados a se repetirem *ad eternum* em um presente que não carrega mais possibilidade de transcendência, preso no “novo tempo do mundo” do fatalismo neoliberal, como também aponta Paulo Arantes (2014). Em uma linguagem densa, dramática e poética, *A música do tempo infinito* atualiza de forma inovadora a tradição da teoria crítica. Na batida eternamente igual da música eletrônica, Ab’Sáber encontrou a mesma compulsão à repetição vislumbrada por Adorno e Horkheimer (1985) como marca do capitalismo tardio, destino da razão formalizada, que perdeu qualquer conteúdo substantivo e sobrevive como puro automatismo, resultado último do desencantamento do mundo: “Assim um último giro do parafuso do desencantamento do mundo completou seu movimento, em falso, refinando a vida do absurdo e da violência” (p. 110). À penúltima frase da obra poderíamos acrescentar que a razão instrumental move um parafuso de rosca sem fim, pois o ato de girar não atinge o aperto final, encapsulados que estamos em um eterno presente sem perspectiva de ser superado.

Notas

1. Em seu livro *Rituais de sofrimento*, Silvia Viana mostra como os *reality shows* duplicam a lógica contemporânea do mundo do trabalho ao proporem uma mobilização total traduzida no engajamento diligente nos jogos de eliminação. Há dois motores para a injunção à ação desprovida de sentido: a ameaça da descartabilidade e a mudança permanente das regras do jogo, cujo efeito paradoxal não é a sensação de impotência dos jogadores, mas, ao contrário, uma disposição ainda mais zelosa na participação.

2. Sobre isso, o livro *Shyness: how normal behavior became a sickness*, de Christopher Lane, mostra de que maneira comportamentos considerados comuns, como a timidez, se tornaram transtornos mentais considerados disfuncionais e demandantes de intervenção farmacoterápica.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. (1985), *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- ANTUNES, Ricardo & BRAGA, Ruy. (2009), *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual*. São Paulo, Boitempo.
- ARANTES, Paulo. (1999), “Sofística da assimilação”. *Praga: Estudos Marxistas*, 8: 75-100.
- _____. (2014), *O novo tempo do mundo*. São Paulo, Boitempo.
- BAUMAN, Zygmunt. (1999), *Modernidade líquida*. São Paulo, Jorge Zahar.
- BOLTANSKI, Luc & CHIAPELLO, Ève. (2009), *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo, WMF Martins Fontes.
- CÔRTEZ, Mariana. (2012), *Diabo e fluoxetina: formas de gestão da diferença*. Tese de doutorado. Campinas, IFCH-Unicamp.
- JAMESON, Fredric. (2006), *A virada cultural: reflexões sobre o pós-modernismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- KOSELLECK, Reinhart. (2006), *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro, Contraponto/PUC-Rio.
- LANE, Christopher. (2007), *Shyness: how normal behavior became a sickness*. Nova York, Vail-Ballou Press.
- MARCUSE, Herbert. (1973), *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- VIANA, Silvia. (2013), *Rituais de sofrimento*. São Paulo, Boitempo.